

Qual Masculinidade? Elementos para refletir a construção do comportamento masculino

Fernando Vojniak*

Resumo

O principal objetivo deste texto é buscar, na história, instrumentos para compreender como são construídos perfis de masculinidade e analisar a possibilidade da ação controladora de um perfil masculino ideal que emerge no discurso jornalístico em Chapecó – SC nas décadas de 1950 e 1960. A imprensa como porta-voz da opinião pública veiculava discursos em torno de uma série de atributos de masculinidade valorizados na esfera pública. Em favor do “progresso” local os homens eram “convocados” a seguirem esses atributos como forma de ascensão social.

Palavras chave: masculinidade, comportamentos, discurso, progresso.

Abstract

The main goal of this text is to search in the history tools to understand how the masculinity profiles are constructed and also to analyze the possibility of control of an ideal masculine profile which emerges in the journalistic discourse in Chapecó – SC in the 1950's and 1960's. The printing press, as spokesman of public opinion, used to link discourses around a series of masculinity attributes worthed in public sphere. In favor of local “progress” men were “convoked” to follow these attributes as social rising.

Key words: masculinity, behavior, discourse, progress.

Moralizando (Por A.A.T.)

Sem tirar e nem por, um homem de personalidade e de caráter é aquele que sabe se governar. Por governar entende-se dominar-se.

Este ente possuindo moral, é um ser beneficente a sociedade.

Onde ele anda temos conversa sã, moralizada e perfeitamente definida com seus ideais.

Ai está o homem ideal.[o grifo é nosso].

Este homem, então, age, agindo constrói para seus conterrâneos e futuros um ambiente favorável.

Oxalá fossem todos os terrestres deste quilate para a grandeza de nossa pátria.

Lutemos pela moral e sanearemos o indivíduo e a sociedade.¹

Discursos como este citado acima, são profusos nos jornais que circulavam em Chapecó e na Região Oeste de Santa Catarina nas décadas de 50 e 60. Direta ou indiretamente eles enunciam um conjunto de comportamentos que desenham um perfil masculino ideal pretensamente controlador da conduta dos homens principalmente na esfera pública, mas também na esfera privada. No discurso do colunista estão presentes duas questões essenciais para a compreensão da masculinidade. Por um lado, a moral, o caráter e o autocontrole são fundamentais para os sujeitos constituírem-se enquanto homens e *sanear o indivíduo e a sociedade*. Por outro lado, quando analisamos a expressão “Oxalá fossem todos os terrestres deste quilate para a grandeza de nossa pátria” observamos que nem todos os homens atendem ao conjunto de comportamentos que

* Bolsista CAPES. Mestrando do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina orientado pela professora Dr. Cristina Scheibe Wolff.

compõem o modelo ideal de masculinidade, mas devem, talvez, persegui-lo, devem enquadrar-se, ou, pelo menos, aproximar-se desse ideal. Assim, a masculinidade “é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser”.² Ao longo deste texto procuro discutir esse problema sem a pretensão de estabelecer verdades absolutas, mas sim, “ensaiando” uma compreensão. Não basta, simplesmente, dizer que há uma relação desigual entre homens e mulheres, apontar a existência de uma “dominação masculina” nas relações de gênero; é importante mostrar como essas relações se constituem, como o comportamento masculino é construído. Pierre Bourdieu nos lembra que aquilo que aparece como eterno na história nada mais é do que o resultado de um trabalho de eternização de competência de instituições interligadas como, sobretudo, a família, a igreja, a escola, o estado e o jornalismo³. Mas, precisamos, também, estar atentos às manifestações subjetivas dos indivíduos que nem sempre se submetem às determinações institucionais. O conjunto de regras e valores prescritos por essas instituições, muitas vezes, é transmitido de forma difusa não se constituindo como um conjunto sistemático e sim como “um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo assim, compromissos ou escapatórias”.⁴

Com a instalação das Companhias Colonizadoras⁵ durante a intensificação do processo de ocupação da Região Oeste a partir da década de 20 e o desenvolvimento do comércio de madeiras mais intenso nos anos 40, emerge uma elite⁶ na cidade de Chapecó – sede de várias companhias e indústrias madeireiras. No entanto, somente no final dos anos 40 e início dos anos 50, com o crescimento do comércio local, o surgimento das primeiras agroindústrias, a criação e ampliação dos órgãos públicos estaduais, federais e privados (entidades, empresas e clubes sociais), é que esta elite nos parece mais consolidada. Neste momento são criados mais três jornais (existia apenas um antes de 1947), dois frigoríficos e novos clubes sociais⁷.

Neste sentido, a esfera pública é palco de interesses públicos, mas também privados e a imprensa é fundamental para a compreensão desse espaço. Além de meios de luta da política partidária os jornais são porta-vozes e condutores da opinião pública.⁸ Remetendo-se a Jürgen Habermas, Joana Maria Pedro diz que a imprensa, instituição por excelência da esfera pública, no século XIX em Santa Catarina tematizava, além de questões políticas, questões morais, notícias, educação e comportamento ético constituindo-se em instrumento pedagógico e formador de opinião pública.⁹ Esse quadro não é diferente no momento aqui estudado e entendemos que os jornais pesquisados contribuem para o entendimento da problemática proposta em dois principais aspectos: 1) São veículos de reprodução de outros discursos de instituições e grupos (igreja, escola, estado, elites locais) através dos mais diferentes modos (entrevistas, artigos de imprensa, questionários, documentos históricos, textos literários, poesias, notícias, etc.); 2) Possuem um discurso, ou melhor, uma atitude própria, pois apresentam um sistema próprio de “filtragem” das informações dos artigos e das notícias; possuem um sistema de seleção e organização das manchetes, do formato, etc.; e ainda, apresentam uma parcialidade na sua postura em que transparece a prioridade a alguns assuntos; muitas vezes, arbitrários, contribuem enquanto mecanismo de naturalização de comportamentos, condutas, e a própria relação desigual entre os gêneros. Portanto, é principalmente no espaço público que, através deste ensaio, procuro entender a construção do comportamento masculino.

Historicamente, o espaço público foi constituído como o lugar dos homens, ainda que a fronteira entre o público e o privado – como, outrora, mostrou-nos Michelle Perrot¹⁰ – seja tênue e cada vez mais permeável. As mulheres transitavam e transitam na esfera pública e, por vezes, tem participação efetiva. No entanto, esse é o espaço em que

normalmente se atribui maior valor; é o espaço considerado “genuinamente” masculino; é o espaço onde os homens devem encarnar a honra, a virtude e a virilidade. Através da imprensa os valores que concernem o ideal de masculinidade eram reforçados na esfera pública tendo como representantes os homens que compõem a elite local. Esses “homens que retêm o poder e autoridades em qualquer setor serão os mestres desta grande escola social e por isto mesmo, os responsáveis por esta formação moral, pois que, são os espelhos da vida pública e também privada, espelhos onde a juventude procura mirar-se cotidianamente [...]”¹¹

Os representantes do perfil masculino idealizado, presente no discurso da imprensa neste momento, eram homens públicos detentores de um *status* social adquirido pela posição que assumiam na esfera pública por serem políticos, comerciantes, médicos, advogados, entre outros. Sendo assim, seguir o exemplo dessas autoridades era estar de acordo com o perfil masculino cobrado socialmente. Mirar-se cotidianamente nesses espelhos é seguir um dos atributos necessários para absorver o comportamento masculino idealizado em que, principalmente os jovens eram convocados a seguir o exemplo e cumprir com o modelo exigido.

Homens para o progresso

As décadas de 50 e 60 em Chapecó constituem-se como um período transitório a um crescimento industrial e comercial que será ainda mais intenso a partir da década de 70, principalmente com a ampliação do setor agro-industrial.¹² Nesta transição, há uma visível preocupação do governo e da elite com uma idéia de “progresso” atrelada a uma conduta masculina que atendessem um rol de exigências que definiam um perfil ideal de homem: um homem capaz de contribuir no desenvolvimento local e do país e legitimar tal “progresso”. É bom lembrar que em âmbito nacional vivia-se um momento político em que esta preocupação com o “progresso” era central.¹³ Historicamente, quando se mobiliza um grupo ou a população de uma cidade ou de uma região em torno de um progresso – social, cultural ou econômico – através dos discursos, esse mesmo grupo ou população é condicionada a seguir uma série de exigências, de atributos comportamentais e disciplinares. É nessa correlação de forças entre o discurso de mobilização, ou melhor, o discurso do progresso e a população que está envolvida que a construção do comportamento masculino fica mais visível; é nessa relação de poder, travada no espaço público principalmente, que a masculinidade se revela.

O Jornal “A Voz de Chapecó” indicava o que pretendia ser a tônica nas décadas de 50 e 60 afirmando que “o progresso é a lei divina, a qual, todos nós estamos submetidos; tanto nós, os seres espiritualizados, como todas as cousas da criação universal”.¹⁴ Percebemos que a cidade aos poucos ia se “modernizando” e que este “progresso” era considerado algo divino, logo, algo inevitável numa sociedade ocidental cristã. Mas não só para cristãos como, também, para não-cristãos, pois a corrida em busca do “progresso” passa ser a norma, ou melhor, a lei que todos deveriam submeter-se.

Para uma cidade que quer se “modernizar”, onde o “progresso” é a “lei divina” alguns princípios são reforçados. Uma desses princípios é o trabalho. Enquanto princípio moral dos sujeitos, o trabalho já é construído entre os habitantes da região Oeste Catarinense desde os tempos da colonização da região. Historicamente se reforçou um ideal de “progresso” em que “o trabalho do colono foi tomado como sinônimo de liberdade e símbolo do progresso e do pioneirismo.”¹⁵ O valor moral do trabalho é transmitido e reproduzido, sobretudo, no discurso da imprensa, nos discursos das comemorações da chegada dos colonos à região, na escola e na família.

Tacitamente, o discurso do trabalho como sinônimo de “progresso” é direcionado especialmente aos homens. Na medida em que a cidade vai crescendo, torna-se inadmissível o fato de existir “homens desocupados”, sem trabalho. Com o crescimento do comércio local e o aumento da demanda de mão-de-obra, cresce também o êxodo rural e, conseqüentemente, diminuem as oportunidades de emprego aumentando o número de desempregados; esses passam a ser identificados como um problema, um atraso para o “progresso”; são transformados em referências negativas ao comportamento exigido dos homens.

Havia homens que não atendiam ao perfil masculino reforçado e cobrado na imprensa. O jornal “Folha D’Oeste” observava que:

O visitante que chega não deixará de enxergar o quadro doloroso da existência de perto de vinte mendigos e o dôbro de engraxates a perambular pela cidade. Não seria somente este o problema social de Chapecó, pois a este somam-se os vadios, os “beats” da cidade, que sem emprego, ou desocupados por excelência, infestam as mesas de “snookers” em plena segunda feira, terça, quarta etc. (...)há mais mendigos na rua do que pessoas válidas.

Para com os vadios, nossa responsabilidade é maior: falta-lhes emprego e desejam trabalhar. Precisa industrializar, criar mercados de mão de obra.¹⁶

Os “vadios”, sem emprego, ou “*desocupados por excelência*” certamente, não correspondiam ao modelo ideal que era reforçado na imprensa. Os “beats¹⁷” da cidade compõem um outro tipo de masculinidade, diferente daquela que pretende ser hegemônica. A possível resolução deste “problema” de mendigos e uma possível ação de (re)enquadramento ao modelo ideal estavam expresso na *responsabilidade de criar emprego, industrializar e criar mercados de mão-de-obra*. O mesmo jornal diz que esse “problema social” não está ligado a questões políticas e jurídicas, mas sim à formação da personalidade dizendo que “o problema social do Brasil, não é a mudança de políticos ou de partidos, não é promulgação de novas leis e sim a formação de uma personalidade altiva, mais nobre, particularmente na mocidade que representará a sociedade e seus costumes no dia de amanhã”¹⁸, ou seja, segundo o jornal citado não é a capacidade política do poder público, tampouco, uma reforma jurídica que seria responsável pela criação de empregos ou industrialização enquanto meios de acesso ao trabalho e conseqüentemente ao conjunto de regras que correspondem à masculinidade exigida, mas sim a formação de uma *personalidade altiva, mais nobre* que possibilitará aos homens locais a encarnação de um conjunto de valores concernentes à masculinidade e a própria ascensão social.

Tendo o “progresso” como uma espécie de “justificativa”, ou melhor, um meio de legitimação da suposta necessidade de se inculcar comportamentos que se pretendem ideais e hegemônicos – como o trabalho, a moral, a personalidade, o caráter, ou seja, essa personalidade mais nobre que se atribuía a determinados homens públicos – esse conjunto de regras é direcionado também aos jovens.

Segundo o jornal Folha d’Oeste,

Os jovens estudantes de Chapecó, os estudantes de todo o país, nos quais repousa a confiança para o futuro melhor desta querida pátria, devem inteirar-se da missão que lhes cabe. Serão os futuros dirigentes desta sociedade indecisa, insegura e, por vezes, abandonada, que suplica aos poderes constituídos, uma mínima ajuda para poder sair da lama em que está submersa.¹⁹

A juventude, como aposta para o futuro, no momento aqui abordado, carrega o peso da renovação pacífica dos homens públicos locais. Têm eles, a missão da condução de uma “sociedade indecisa e insegura e abandonada” e de redimir o passado que se mostrava problemático naquele momento. Gabriel Dezem dizia que “redimir a nossa

pátria é missão nossa, isto é, dos estudantes. [e continua] Voltemos aos colégios neste ano de 1966, com vontade de sermos úteis à nossa pátria e com consciência de que podemos sê-lo muito melhor se formos verdadeiros estudantes, porque o Brasil precisa de homens esclarecidos (...).²⁰ [o grifo é nosso].

O argumento de que o Brasil necessita de “homens esclarecidos” além de legitimar a corrida em busca do “progresso”, dá margem para uma série de questões: o debate em torno das causas e a possível diminuição de muitos problemas sociais e econômicos é deslocado para um enfoque meramente comportamental sem discutir, ou pelo menos suavizando o papel político e governamental; torna legítima a necessidade de se construir um código delimitado de conduta moral em que o horizonte dos jovens é conjurado e o denso ar da descoberta que paira sob suas quimeras fica “rarefeito” através da ação normatizadora dos adultos.

Qual Masculinidade? Em busca do perfil masculino diferente

Para Miguel Vale de Almeida é central “a ‘masculinidade hegemônica’, ou seja, não o ‘papel’ masculino, mas sim uma variedade particular de masculinidade que subordina outras variedades”.²¹ O perfil de masculinidade que o discurso jornalístico tentava legitimar naquele momento – homens moralizados, esclarecidos, patriotas, nobres, de personalidade ativa, disciplinados, trabalhadores, partidários do autocontrole e de uma família monogâmica patriarcal cristã – se aproxima de uma idéia de hegemonia, porém na prática, percebe-se a pluralidade e a variação de comportamentos masculinos. O fato é que havia inúmeros esforços em direção à construção de um perfil de masculinidade pretensão ideal e hegemônico em detrimento de outros perfis que eram identificados como impróprios e ameaçadores da corrida em busca do “progresso”. Portanto, segundo Almeida, “ser homem é algo, sobretudo, do nível discursivo e do discurso enquanto prática. Campo de disputa de valores morais, em que a distância entre o que se diz e o que se faz é grande.”²² Esta “dissonância” entre o discurso e a prática está presente na citação abaixo extraída do jornal Folha D’Oeste:

Amanhã é o dia do papai... Salve! [...]

Sabemos que todo o pai é um sujeito preocupado com negócios, compromissos sociais, com saúde e a tranqüilidade de sua família, com o resultado do futebol, com o clube a que pertence, com o automóvel que possui, ou não comprou ainda, enfim, o pai, dentro do lar, é o malabarista, é que [sic] aquele que vai e que vem, sempre a procura de melhores dias para todos os seus. [...]

E leiam, como motivo para meditação, essas perguntas que formulamos, extraídas da Revista “Igreja em nossos dias”.

MEDITAÇÃO PARA O CHEFE DE FAMÍLIA [destaque do original]

Você tem hábito de analisar o seu trabalho como chefe de família?

Sente que é considerado pelos seus filhos como o símbolo da força e da autoridade?

Os meninos recorrem a você nas suas dificuldades?

Ou você não gosta de decidir: entrega a sua mulher as grandes decisões, a direção da casa e o governo dos filhos? [...]

Faz de sua chegada uma festa? [...]

Você faz uma meditação diária com sua família sobre um versículo da bíblia?²³

A necessidade de se veicular esses discursos “pedagógicos” no jornal remete-nos a pensar uma série de questões: Qual masculinidade é hegemônica neste momento? Qual é a proporção de homens que estão fora desta hegemonia? Existe hegemonia? O que se pode verificar é a existência de várias masculinidades e um discurso que tenta controlar, disciplinar ou apontar tacitamente um modelo de ascendência social pretensão ideal. Porém este modelo é frágil e variante de acordo com os mais diversos interesses.

O que considero mais importante ressaltar aqui é o fato de que a elite que se constituía também naquele momento e se afirmava no espaço público, tentava construir um perfil masculino distinto, mais “*nobre*” diferente daquele perfil “*rude*” marcado pelo polimorfismo, pela vadiagem e pelos jogos de azar – como o “*snookers*” em dias considerados não adequados – ou pela “fraqueza” dos pais que não cumpriam o seu papel como “chefe de família”.

Esse discurso remete-nos ainda a mais reflexões. Coloca o homem como senhor, também, da esfera privada; figura central da família, o chefe. Naturaliza a figura masculina como provedor de recursos, como autoridade e símbolo de força frente aos filhos e que não deve entregar à mulher as grandes decisões, a direção da casa e o governo dos filhos. Segundo Pierre Bourdieu o mundo sexualmente dividido é reforçado por diversas instituições e inscrito nos corpos e no habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.²⁴ Mas esse mundo dual, onde os homens estão no topo da hierarquia das relações de gênero, não é fruto de um processo contínuo e linear de manutenção. Tampouco da simples configuração do sistema capitalista e dos “papéis sociais” a serem desempenhados por homens e mulheres. Mas sim de complexas relações de poder em que os significados do que é ser homem ou mulher, são criados, retomados, (re)significados, excluídos, ou (re)inventados; portanto, são significados históricos que ficam mais visíveis no conflito e, ainda, a sua manutenção e sua problematização estão relacionadas, muitas vezes, a diversos poderes em jogo.

Neste caso a imprensa funciona como uma instituição que veicula discursos de outras instituições naturalizando um universo androcêntrico nas relações de gênero. Ainda pode-se pensar numa espécie de armadilha que os homens constroem para si mesmos. Até que ponto os homens não são também vítimas de sua própria dominação? Podemos suspeitar que “o carrasco é também vítima e que a palavra paterna se arrisca, pelo próprio fato de ser poderosa, a converter a probabilidade em fatalidade.”²⁵ Sem querer minimizar a histórica relação desigual entre homens e mulheres e uma constatada violência física e simbólica dos homens sobre as mulheres é preciso admitir que em muitos casos é penoso para os homens atingirem o ideal de homem e de pai socialmente cobrado. No entanto, colocar o homem como vítima da funcionalidade da dinâmica social é estar simplificando as relações de poder aí existentes e suprimir os processos históricos e culturais.

“Ao lado de todo homem ilustre, há sempre uma mulher amada”**

“Ser Mulher”.

Ser mulher, é possuir um coração
Capaz de amor, de afeição!
É crer perdidamente no amor.
É amar com fervor,
É também saber silenciar.

Ser mulher, é sonhar acordada!
É querer tudo e ter quase nada.
Sonhar com um castelo dourado...
Mas viver a realidade.
Idealizar um príncipe encantado...
E amar um homem com naturalidade!²⁶
(Cleuza Joanita Soares)

Já foi dito por Natalie Davis e reforçado por Joan Scott²⁷ que precisamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres. Não há dúvidas que para refletir a masculinidade é preciso recorrer à participação das mulheres neste processo, pois a construção dos gêneros se dá de forma relacional. Nos jornais pesquisados a participação das mulheres na esfera pública é reduzida. É bom lembrar que no ocidente, desde a Grécia antiga, isso sempre foi um problema. O mundo ocidental excluiu as mulheres do espaço público e, como já foi dito, instituições como a Igreja, a família e o Estado são responsáveis diretos por esta exclusão.

As fontes utilizadas são insuficientes para dar maior visibilidade a uma possível participação mais expressiva de mulheres na esfera pública em Chapecó nos anos 50 e 60. Algumas mulheres escreviam artigos nos jornais, no entanto tratavam geralmente de assuntos ligados ao lar, ao privado, à família. A imprensa local reservou às mulheres neste período, sobretudo, as páginas comumente intituladas “página social”, espaço dedicado a assuntos de culinária, festas, matrimônios, aniversários, bailes de debutantes, concursos de miss, etc. Normalmente as mulheres aparecem como objetos simbólicos nas propagandas de moda (óculos de sol, vestuário, etc.). Nos espaços que registravam as “datas natalícias” – espaço dedicado ao registro de aniversários das pessoas “destacadas” da elite (predominantemente os homens eram citados) – a mulher aparece como esposa de... ou filha de..., são normalmente colocadas em segundo plano e convocadas a cumprir o seu papel na sociedade como o anjo do lar, boas mães, fiéis esposas, privando por aparência agradável e por coquetes.

Na esfera pública são ligadas ao Estado Social e são responsáveis pela família e pela pátria. Inácia N. Sperandio escrevendo ao jornal “O Imparcial” em seu artigo “A mulher e o seu papel na sociedade” dizia que:

A mulher é o anjo do lar [...] quando é depravada, a sociedade também o é, e quanto mais pura e quanto mais bem dotada moralmente, tanto mais pura e moralizada será a sociedade. [...] A Pátria é a família amplificada. Sendo a família a síntese da Pátria, é a base de toda a organização social, diz Rui Barbosa. A sociedade gira em torno do lar, e a mulher continua a ser a base da sociedade como o é da família. A conduta futura da criança depende em grande parte da mãe e por isso toda a mulher deve ser distinta mãe de família;²⁸

As categorias de ser “anjo do lar”, “distinta mãe de família”, “afetiva”, “amorosa”, “pura”, “moralizada” e “sonhadora”, eram entendidas como a essência das mulheres. Toda a mulher devia possuir este perfil e cumprir com o seu “papel na sociedade”, caso contrário, estaria negando a sua própria natureza.

Ao mesmo tempo em que se tentava construir um perfil masculino ideal, igualmente se construía perfis femininos adequados; era construída uma relação de desigualdade na qual parte das mulheres contribuía, por vezes, através do *habitus*²⁹, para essa desigualdade e colaborava, juntamente com um amplo segmento da população masculina, para a manutenção do modelo do “homem ideal” e da “mulher ideal” em nome de algum tipo fantasioso de benefício, neste caso, principalmente o “progresso”.

Conclusão: o homem ideal?

O conjunto de atributos de masculinidade valorizado pela sociedade através da imprensa em Chapecó sem dúvida denota uma relação desigual entre homens e mulheres que marcou as décadas de 50 e 60 e que ainda estão presentes em nossa sociedade. Na esfera pública, eram valorizados os homens moralizados, nobres, disciplinados, honrados e provedores da família. Os homens que buscavam corresponder essas exigências seriam

reconhecidos como homens benéficos à sociedade, seriam reconhecidos como os homens ideais. Os homens que procurassem seguir esses atributos estariam mais próximos do poder. O espaço público, em que também os cargos públicos eram disputados, era permeado, sobretudo, por homens que compunham a elite local. Em sua maioria, médicos, empresários, advogados, comerciantes, contabilistas, funcionários públicos e bancários. Buscavam ascensão social e reconhecimento público pautando-se num comportamento que seguisse os valores correspondentes a masculinidade presente no discurso da elite local.

É possível visualizar a ação controladora de um modelo de masculinidade ideal que se pretende hegemônico e que é construído e reproduzido por um amplo segmento da elite local através dos mais diferentes meios, mas nem sempre é seguido à risca. Outros perfis masculinos circulavam na esfera pública como observamos nas fontes utilizadas. O discurso moralista arbitrariamente ou não os denunciava, buscava legitimar um perfil de masculinidade diferente, que marcasse a fronteira com esses outros perfis, considerados impróprios e ameaçadores da corrida em busca do “progresso”. Convocava os homens, os jovens e as mulheres a seguir um conjunto de valores morais e um conjunto de normas de condutas com a pretensão de legitimar esse tão questionável “progresso”.

Notas

- 1 Jornal do Povo 29/03/1959 N. 387. Fonte: Arquivo do CEOM. Centro de Organização da Memória do Oeste de Santa Catarina - UNOESC – Chapecó.
- 2 VALE DE ALMEIDA, M. Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995. 265p. p. 17.
- 3 BOURDIEU, P. A dominação masculina. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. P. 5, prefácio à edição alemã.
- 4 FOUCAULT, M. História da sexualidade 2; o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. p. 26
- 5 A partir de 1917 com a criação dos municípios de Chapecó e Cruzeiro (Joaçaba) intensificou-se o processo de colonização da chamada Região Oeste de Santa Catarina através da ação das Companhias Colonizadoras, as quais vendiam as terras para os chamados colonos – descendentes de italianos, alemães e poloneses vindos do Rio Grande do Sul. C.f: RENK, A. A Luta da Erva: Um Ofício Étnico no Oeste Catarinense. Chapecó: Grifos, 1997.
- 6 Por elite, entendo como aquele grupo privilegiado em âmbito social, cultural e econômico. Coronéis, pequenos, médios e grandes comerciantes, donos de Companhias Colonizadoras, proprietários de jornais, pessoas letradas, funcionários públicos e alguns agricultores economicamente fortalecidos. O fato de esta elite estar mais consolidada não é afirmar uma homogeneidade nem uma sintonia. Existiam marcadas divergências e disputas políticas que tornam mais complexa a sua atuação no espaço público. C.f.: HASS, Monica. Os partidos políticos e a elite chapecoense: um estudo de poder local 1945-1965. Chapecó: Argos, 2000.
- 7 A partir de 1947 são criados, entre outros, os jornais: Jornal D'Oeste, Jornal do Povo, O Imparcial; Surge também a Associação comercial e industrial o Aero clube, a S. A. Indústria e Comércio (Frigorífico Chapecó), o frigorífico Indústria e Comércio Marafom Ltda., filial do Banco do Brasil e Diocese. C.f.: HASS, M. Op. cit.
- 8 HABERMAS, J. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Flávio R. Rothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. p.214.
- 9 PEDRO, Joana Maria. Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro, 1831-1889. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995. p.33.
- 10 PERROT, M. Mulheres Públicas. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

11 Jornal Folha D'Oeste 27/07/66 p. 4/5 n. 76. Fonte: Arquivo do CEOM Centro de Memória do Oeste Catarinense. UNOESC – Chapecó.

12 As agroindústrias que se instalaram em Chapecó entre as décadas de 60 e 70, especialmente a Sadia no início dos anos 70, desencadeou um crescimento econômico intenso constituindo o modelo socioeconômico predominante da região. C.f.: ESPINDOLA, Carlos José. As Agroindústrias no Brasil: O Caso Sadia. Chapecó: Grifos, 1999; e VOJNIAK, Fernando. A da mão-de-obra dos brasileiros na implantação da agroindústria em Chapecó: O caso Sadia: 1970-1980. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) UNOESC - Universidade do Oeste de Santa Catarina. 2000.

13 FREITAS BARREIRO, I. M. de. Educação modernizadora educação de classe: o lazer, a cultura popular e o trabalho no período de Vargas e Juscelino. In: Revista Brasileira de História – Brasil 1954-1964. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 14, n. 27, 1994.

14 Jornal A Voz de Chapecó 25/07/1948 N. 194. Fonte: Biblioteca Pública Municipal de Chapecó.

15 RENK, A. Narrativas do hibridismo regional e da unidade nacional. (mimeo). p.9.

16 Jornal A Voz de Chapecó 15/07/1967 – p. 3, n. 108.

17 O que se chama de Movimento Beat, foi um movimento poético e literário promovido por escritores e poetas estadunidenses como Allen Ginsberg, Kerouac, Burroughs, Corso, Ferlinghetti, Snyder entre outros. Eles revolucionaram a linguagem e os valores literários. Suas idéias impulsionaram uma série de acontecimentos revolucionários na década de 50 que ficaram conhecidos como o Ciclo da Geração Beat. Os livros Howl and ogher poems e On the road de Kerouac e Kaddish and other poems de Ginsberg, causaram impacto na sociedade norte americana dos anos 50 pelas suas características de liberdade de criação e rompimento com o bletrismo, o formalismo da criação poética e acadêmica e o “bom-mocismo”. Abriram perspectivas não só literárias como políticas e existenciais ganhando o apoio de cineastas, músicos de Rock’n Roll e de vários grupos e artistas não só dos Estados Unidos, mas também da Inglaterra e outros países da Europa. O movimento beat também resultou em novas posturas estéticas e comportamentas e movimentos de contra-cultura que avançaram pela década de 60 e 70. GINSBERG, Allen. Uivo, Kaddish e outros poemas. Ptradução de Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1999.

18 Idem. 27/07/1966 – p. 4/5, n. 76.

19 Jornal Folha d'Oeste. 09/03/66 – p 5 n. 62. Fonte: Arquivo do CEOM – UNOESC Campus Chapecó.

20 DEZEM, Gabriel. Jornal Folha d'Oeste. Op. cit. 09/03/1966, p. 5, n. 62.

21 VALE DE ALMEIDA, M. Op. Cit. p. 149.

22 Idem., p. 16.

23 Jornal Folha D'Oeste. 09/08/69 – N. 209 ano VI – p. 08

24 BOURDIEU, P. Op. Cit.

25 Idem. p.90.

** Frase de “Schiller”: Jornal do Povo - 21/07/1951 N. 25. Fonte: Arquivo do CEOM. Centro de Organização da Memória do Oeste de Santa Catarina - UNOESC – Chapecó.

26 Fragmentos de poema de Cleuza Joanita Soares intitulado “Ser Mulher”. Fonte: Jornal Folha D'Oeste - 06/07/68 N. 155 Ano V – P. 07.

27 DAVIS, N. Z. Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios. Tradução de Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. e SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, 16 (2): 5 – 22, jul/dez. 1990.

28 Jornal Folha D'Oeste. 09/08/59 p.02

29 Para o conceito de habitus recorro a Pierre Bourdieu que diz que o habitus “é um modus operandi científico que funciona em estado prático segundo as normas da ciência sem ter estas normas na sua origem: é esta espécie de sentido do jogo científico que faz com que se faça o que é preciso fazer no momento próprio, sem ter havido necessidade de tematizar o que havia que fazer, e menos ainda a regra que permite gerar a conduta adequada.” BOURDIEU, P. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 23.